TEATRO DE OLAVO D'EÇA LEAL PARA A RADIOTELEVISÃO PORTUGUESA

9215

Grande Teatro.

Título -

O EMISSÁRIO

Processo N.º 10735

Original de: Olavo D'Eça Leal

Época actual

Entregue na Secção de Teatro da R.T.P. no dia 15 de fevereiro/1971

Museu Nacional do Teatro
BIBLIOTECA

(Série de 1971) Nº 1

TEATRO

CENÁRIO

Pequeno café de aldeia ~~importante~~, que tem mercado e feira periódicos. A sala comum onde decorre a acção, dá para o largo da povoação que se vê bem através das duas largas janelas simétricas que ladeiam à esquerda e à direita a porta de acesso ao exterior, na parede do fundo. Embora perdurem vestígios das antigas edificações rurais (por exemplo, o travejamento do tecto com toros de madeira à vista e uma lareira na parede do lado direito) deverá afastar-se o ambiente "folclórico" que é lugar comum no Teatro acontecido na província. Os sintomas de modernismo são evidentes. Os comparsas vestem-se como na cidade; ~~ha um bom frigorífico colocado onde ficar melhor~~; as mesas e as cadeiras e o balcão à esquerda, são de meta e fórmica; aparelho de televisão colocado em local próprio para dar espectáculo aos frequentadores; as janelas têm cortinas alegres; ha uma caixa registadora no balcão, etc... Garrafas dispostas nas prateleiras; talvez fique bem um cartaz de "rallye" automovel, por exemplo de Vila Rial, etc... Em local apropriado, um lavatório com um espelho por cima, na parede.

LEGENDAS

As legendas correm sobre uma panorâmica ~~ambulatória~~

Que mostra todo o cenário e alguns pormenores mais demorados (entre eles,o retrato do "fundador", que é um dos personagens da peça.Este retrato mostra o personagem em plena força da juventude,com barbas pretas,que depois,na acção,veremos completamente brancas,assim como o cabelo).

Entretanto,Manuela entrou em cena,ainda durante o desfile das legendas.Boceja.Acabou visivelmente de se levantar.Tem os cabelos meio desfeitos que vai acabar de pentear diante do espelho do lavatório,molhando o pente na água corrente da torneira.Está ainda a pentear-se quando terminam as legendas.Interrompe-se para chamar a Rosa,criada.

%%%

Manuela — E lava-me essa cara com sabão...E limpa as unhas....E penteia-te como deve ser...Não quero fraldiquices cá em casa....

Rosa — Está bem,menina,está bem...

Manuela — Põe o teu cordão e os brincos...!

Rosa — Pois...Não houvera de os pôr...

Manuela — Ha de aparecer aí o teu Daniel...Vê como lhe apareces...

Rosa — (Entrando,a atar o avental lavado e bem passado) Se vou a mal sujeitar para esse valdevinos,é tempo perdido...Só cá vem quando não tem mesmo outro lado para onde vá!

Manuela — Nunca fiando...E se estiveres bem,não terás por onde te venha vergonha....

Rosa — Isso tambem é verdade...Mas nunca é por ele que me arranjo...É pelos fregueses...Esses,sim,que pagam...E quem paga,quere festa!...E uma rapariga nova e bem aparelhada,já é meia festa!!!

Manuela — (Rindo) És um bom ponto!...Se não existisses, tinhas de ser inventada...

ROSA,AO ESPELHO;TENTA PRENDER OS BRINCOS ÀS ORELHAS.Manuela aproxima-se)

Manuela — Deixa ver...Eu prendo-te os brincos e o cordão

MANUELA FAZ O QUE DISSE

Rosa — E que vamos dar a esses comilões para o almoço?

Manuela — Feijão com chouriço e toucinho...E é para quem quer...

Rosa — Nem vale a pena fazer mais do que um prato.

Manuela — Todos trazem farnel...

Rosa — E compram leitão assado na feira...

Manuela — E torresmos...

Rosa — Sempre faz falta um prato de peixe,bem vistas as coisas...

Manuela — Que o vão pescar e amanhar...

Rosa — Uns carapaus fritos davam jeito...Para puxar o vinho...

Manuela — Telefonas à Carolina...Talvez os arrange na vila.

Rosa — E temos de fazer uma panela de caldo verde...Ha couves na horta que chegam para um quartel...

Manuela — E tempo para a cortar?...Somos só as duas!

Rosa — Passo por casa da Rita e digo-lhe que nos venha ajudar...

Manuela — Pois está bem.Chamas a Rita....E que lhe damos de comer o dia todo e mais vinte escudos...

Rosa — Os quinze estavam bem...

Manuela — Disseram-me que as mulheres a dias,em Lisboa,já ganham isso por hora...

Rosa — Isto não é Lisboa...

Manuela — Pronto...Vai espreitar ao quarto do meu pai... Se ele ainda dorme...E acende o fogão...

Rosa — Sim,menina...Aquele fogão é a minha desgraça... Dá-me cabo dos pulmões a assoprar...

Manuela — Vai-te daqui...Chega de paleio...

Rosa — Pronto,pronto...Aqui vai ela!

ROSA SAI.MANUELA,SÓ,TEM UM LONGO SUSPIRO:VAI À JANELA E OLHA PARA FORA.COMEÇA A HAVER MOVIMENTO NA PRAÇA.RUIDOS DE VEÍCULOS A MOTOR.VOZES AO LONGE.CÃES QUE LADRAM.MANUELA,PENSATIVA,SENTA-SE E TIRA DO BOLSO DO AVENTAL UM PAPEL AMACHUCADO.A MÁQUINA APROXIMA-SE DELA.OUVE-SE A SUA VOZ LENDO O PAPEL.

A VOZ DE MANUELA — "Querida menina Manuela de Oliveira:

Não me leve a mal a ousadia que tenho de lhe escrever estas linhas. Desde a festa da Senhora da Piedade em que vi a menina Manuela tão bonita com o seu vestido azul e a mantilha preta que lhe ficava bem a valer, que não vejo outra imagem diante dos meus olhos, que não seja a ~~da figura~~ da menina Manuela a ler com muita atenção no seu livrinho de missa. Perdôe-me!... Nem mesmo nos conhecemos... Nem nos falamos sequer, por acaso, no seu café, como podia bem ter acontecido nas muitas vezes que lá fui beber um copo com os meus amigos. É que, quando a menina se chega, perco toda a coragem e acho melhor entender-me com a Rosa que nada me assusta..."

A CRIADA ROSA APARECE CARREGANDO UMA PILHA DE PRATOS QUE VAI COLOCAR SOBRE O BALCÃO: MANUELA ESCONDE O PAPEL E LEVANTA-SE:

Manuela — Acho cedo para pores as mesas... Antes do almoço ha de vir gente a tomar qualquer coisa

Rosa — Antes das onze e meia não ponho mesas. Os pratos vieram agora para adiantar serviço. Ficam debaixo do balcão...

Manuela — E como vai o senhor Fogão?

Rosa — A tossir e a bufar!... Se ele se põe com maneiras, a menina tem que lá ir!...

Manuela — Vou dar um jeito... Ao menos acende tu a lareira. O pai, mal acorda, quer descer. ~~O pai não tarda aí~~... E está frio para ele.

Rosa — Com a lareira entendo-me bem...É um instante.

MANUELA SAI NA DIRECÇÃO DA COZINHA ATRÁS DO BALCÃO.ROSA COMEÇA A PREPARAR A LAREIRA.UM VULTO DE HOMEM APARECE ALEM DO VIDRO DA JANELA DO LADO ~~DIREITW~~ DIREITO.É UMA BELA FIGURA DE ~~LAVRADOR~~ Homem APARENTANDO QUARENTA ~~E CINCO~~ ANOS.USA SAMARRA COM GOLA DE PELE DE RAPOSA.PATILHAS NEGRAS E LONGAS.É ALTO E FORTE.UM CIGARRO AO CANTO DA BOCA.BIGODE FINO E NEGRO.EXPRESSÃO DURA E TAMBEM UM TANTO INQUIETA.ROSA OLHA DE REPENTE PARA A JANELA E ELE SEGUE O SEU CAMINHO.~~NOWALTOWDAWESCADAWWEMOSWSURGTRWOWPATWDEWROSAWWWWW~~ ROSA ABANA A ~~wNowaltowdawescada~~ CABEÇA E CONTINUA O SEU TRABALHO:COMEÇA A BRILHAR O FOGO NA LAREIRA.ENTRA MANUELA.

Manuela — Anda,vai...O fogão já espevitou.Agora trata do café...Daqui a pouco,já abro a porta.

Rosa — Sim,menina...

Manuela — O meu pai chamou?

Rosa — Ainda não...

Manuela — Ontem adormeceu tarde...É claro que não o foste espreitar...

Rosa — Não,menina...Estive a aturar o fogão.Bem sabe...

Manuela — Bem...Vai pelo café...E logo que o tenhas pronto,traze-me uma pucara dele.

Rosa Sim,menina...

ROSA SAI.MANUELA VAI ACTIVAR A LAREIRA.A LUMINOSIDADE DENUNCIA UM BOM FOGO.MANUELA OLHA PARA O CIMO DA ESCADA.AJEITA O CADEIRÃO DO PAI JUNTO DO LUME PARA QUANDO ELE VIER.SENTA-SE.TIRA DE NOVO O PAPEL DO BOLSO E CONTINUA A LEITURA.OUVE-SE A SUA VOZ:

Manuela ....." ...É de grande atrevimento escrever-lhe a respeito de um assunto destes.Sei,como tantos aqui o sabem,que a Menina Manuela não dá importancia aos homens que se lhe chegam com palavras tolas assim como as minhas. Em todo o caso, venho tentar a minha sorte...Sempre lhe digo que não acredito que ele volte ~~nunca mais~~ algum dia. Vai dizer que não tenho nada a ver com a sua vida, Tem razão...Mas a menina não pode ficar à espera desse homem que lhe fez promessas ha cinco anos,e partiu para não se sabe onde,e não lhe deu mais notícias.Pode ser até que já tenha morrido. Desculpe que lho diga,mas isto é mesmo possivel pois ninguem tem a vida na mão e cinco anos é muito tempo...Pode ser tambem que...~~Porque um homem não é de ferro,que~~ ele tenha encontrado outra rapariga que...

MANUELA LEVANTA-SE BRUSCAMENTE.AMARROTA O PAPEL E ATIRA-O PARA A LAREIRA.UM CLARÃO DÁ A ENTENDER QUE O PAPEL ARDE.~~BATEMWWWWWWW~~ ~~BATEMWÀPORTAV~~ O HOMEM QUE HA POUCO ESPREITAVA PELA JANELA,PASSA E ESPREITA DE NOVO.SEGUE.BATEM À PORTA.

Manuela Quem é?...

O Homem — É um freguês....

Manuela — Ainda estamos fechados...

O Homem — Não se arranja um cafézinho quente?

Manuela — Não tenho nada feito....O fogão está apagado...

O Homem — Quando abre?...

Manuela — Depois das sete...Sete e meia...

O Homem — Está bem...Eu volto!

VEMOS O HOMEM PASSAR EM FRENTE DA JANELA DA DIREITA SEGUINDO O SEU CAMINHO EMBUÇADO NA SAMARRA.MANUELA FECHA AS DUAS CORTINAS E FICA UM MOMENTO A ESPREITAR.DEPOIS SOBE A ESCADA.A MÁQUINA ACOMPANHA_LHE OS MOVIMENTOS.ELA ENCOSTA O OUVIDO À PORTA DO QUARTO QUE FICA NO ALTO DA ESCADA.ROSA,EM BAIXO,REAPARECE TRAZENDO UM PUCARO DE CAFÉ FUMEGANTE,E UM AÇUCAREIRO.

ROSA — (Falando para cima) Tinha café de ontem...Estava bom.Aqueci-lhe uma pinga dele para não esperar muito...

Manuela — Vou já,obrigada.Deixa-o nessa mesa...

Rosa — Pronto,menina...

Museu Nacional do Teatro
BIBLIOTECA

Manuela — O sr.Oliveira dorme ainda.É daquele remédio que